

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRUNA RAFAELLA MATOS RODRIGUES

**AS INFLUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E DO ECONOMICISMO NA
IDENTIDADE CULTURAL INDIANA**

RECIFE

2015

BRUNA RAFAELLA MATOS RODRIGUES

**AS INFLUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E DO ECONOMICISMO NA
IDENTIDADE CULTURAL INDIANA**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

**ORIENTADOR: Prof. MSc. Pedro
Gustavo Cavalcanti Soares**

**RECIFE
2015**

RODRIGUES, B. R. M.

**As influências da globalização e do economicismo na identidade cultural indiana. Bruna
Rafaella Matos Rodrigues. Recife: o Autor, 2015.**

51 folhas.

Orientador: Prof^o Pedro Soares

**Monografia (graduação) – Bacharelado em Relações Internacionais - Faculdade Damas da
Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2015.**

Inclui bibliografia.

1.Relações Internacionais 2. Globalização 3. Neoliberalismo 4. Cultura 5. Índia.

**327 CDU (2ªed.)
327 CDD (22ª ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2015 – 332**

BRUNA RAFAELLA MATOS RODRIGUES

**AS INFLUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E DO ECONOMICISMO NA
IDENTIDADE CULTURAL INDIANA**

Monografia apresentada à Faculdade Damas da Instrução Cristã - FADIC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Pedro Gustavo Cavalcanti Soares
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Gustavo de Andrade Rocha
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Profa.: Luciana Campelo de Lira
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Dedico este trabalho à memória da minha avó Janete Lira Matos. Onde quer que estejas, sei que estais orgulhosa de mim.

Agradecimentos

Agradeço à Faculdade Damas, que com sua estrutura e professores de excelência me proporcionou um curso de qualidade com aprendizados que levarei para minha vida pessoal e profissional.

Ao meu orientador, o Professor Pedro Soares, pelo qual tenho profunda admiração e respeito e cuja ajuda foi essencial ao longo dessa caminhada. Seus conselhos e direcionamentos tornaram possível a conclusão deste trabalho.

À minha família, meu pai Jaime, minha mãe Eliane e minha irmã Camilla, que são minhas bases, minha fortaleza, sem eles não seria nem metade do que sou hoje. Obrigada por todo amor e carinho dedicados a mim durante toda a vida.

Ao meu amado namorado, Oscar Raposo, agradeço por ter estado ao meu lado durante todo este tempo, me dando suporte e incentivo, para que eu nunca desistisse. Obrigada pelo amor, carinho e companheirismo que me dedica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OS ASPECTOS DA GLOBALIZAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR DAS SOCIEDADES E DAS CULTURAS.....	11
2.1. A GLOBALIZAÇÃO E SEUS PRECURSORES, O NEOLIBERALISMO E O CAPITALISMO.....	11
2.2. INCERTEZA VERSUS ESTABILIDADE: REDUÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO.....	14
2.3. O ECONOMICISMO E A PERMEABILIDADE CULTURAL	15
2.4. A PADRONIZAÇÃO GLOBAL.....	18
3. OS PRINCIPAIS ASPECTOS DA CULTURA INDIANA	20
3.1. O QUE É CULTURA E IDENTIDADE CULTURAL?	20
3.2. AS BASES DA FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO E DA CULTURA INDIANA: PERÍODOS PRÉ E COLONIALISTA	24
3.3. AS BASES DA FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO E DA CULTURA INDIANA: O PÓS-COLONIALISMO.....	28
3.4. A CULTURA INDIANA: BREVES APONTAMENTOS	31
4. GLOBALIZAÇÃO E ECONOMICISMO VERSUS INDETIDADE CULTURAL.....	34
4.1. O DESDOBRAMENTO.....	34
4.2. AS TRANSFORMAÇÕES EFETIVAS NA CULTURA INDIANA	37
4.3. GLOBALIZAÇÃO E ECONOMICISMO: FATOS IRREVERSÍVEIS	42
5. CONCLUSÃO	44

Lista De Siglas

BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

EUA – Estados Unidos da América

ONU – Organização das Nações Unidas

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

AS INFLUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO E DO ECONOMICISMO NA IDENTIDADE CULTURAL INDIANA

Bruna Rafaella Matos Rodrigues

Resumo

A globalização surge como o fenômeno responsável por grandes transformações em todo o mundo principalmente a partir dos anos 1990. Após o fim da Guerra Fria, a ideologia neoliberal e o capitalismo puderam propagar seus ideais para a maioria dos países, através do aprofundamento e estreitamento das relações globais, por meio das inovações tecnológicas e de telecomunicações. A busca capitalista pelo crescimento econômico deu origem ao economicismo, um fenômeno contemporâneo que é a redução por parte do Estado, de todas as outras esferas sociais em detrimento da economia. O economicismo trás consigo necessidade de adaptação aos padrões globais, como consequência há a absorção dos valores culturais das hegemonias. A adaptação aos padrões globais está originando grandes mudanças na cultura e na identidade cultural em vários países, como no caso da Índia, país de tradições culturais milenares, que teve sua abertura econômica a partir de 1990 e desde então vem sofrendo transformações em suas tradições e costumes. A permeabilidade dos valores ocidentais na Índia acarreta em transformações na identidade cultural deste país, assim como ocorre também em outras as sociedades, proporcionando o surgimento de uma cultura homogênea, uma cultura-mundo.

Palavras-Chave: **Globalização, neoliberalismo, capitalismo, economicismo, cultura, identidade, Índia.**

Abstract

The Globalization appears as the phenomenon responsible for great changes in the world mainly from the 1990 decade. After the Cold War's end, the neo-liberal ideology and capitalism could propagate its ideals for most countries by deepening and strengthening of global relations through technological and telecommunications innovations. Capitalist pursuit of economic growth gave rise to economism, a contemporary phenomenon that is the consequence of state's reduction of all other social spheres on behalf of economy. The economism brings with it the needing of adaptation to global standards, as a result there is absorption of the cultural values of hegemonies. The adaptation to the global standards is causing major changes in culture and cultural identity in many countries, as is the case in India, a country of ancient cultural traditions, which had its economic liberalization in 1990 and since then has suffering changes in their traditions and customs. The permeability of Western values in India can result in changes in the Indian cultural identity and in every society, thus providing the appearance of a homogeneous culture, a world culture.

Keywords: Globalization, neoliberalism, capitalism, economicism, culture, identity, India.

1. INTRODUÇÃO

Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, chegou ao fim a Guerra Fria e a tensão causada pela bipolaridade da época. O mundo passou a entrar em um processo de aprofundamento da integração global nos mais diversos âmbitos, econômico, social, cultural, político e etc., com os Estados Unidos se firmando como grande potência global e impulsionando seu modelo econômico capitalista pelo mundo. Esse fenômeno de integração global é denominado de globalização e é o que torna possível o mundo interligado como o de hoje. A globalização, portanto, influenciou de maneira direta o crescimento do capitalismo, juntamente com a “venda” do “modelo de vida americano”, o *American way of life*, tão estimulado pela potência hegemônica e possibilitado através do modelo econômico vigente.

A partir do contexto delimitado acima, os Estados passam a ter como objetivo principal o crescimento econômico e a busca por mercados consumidores e de comercialização. Tal fato estimulou a criação de diversas parcerias interestatais na área de comércio, aprofundando ainda mais a integração entre os países e criando uma rede de interdependência econômica global. A consequência da busca pelo desenvolvimento econômico é a de que os países precisam se adequar ao sistema mundial e às suas exigências, ocasionando a chamada Planificação global, que torna o mundo em que vivemos hoje, cada vez mais padronizado.

A lógica capitalista fez com que, nos anos 1990 vários países abrissem seus mercados para a economia e o comércio global, nesse contexto observa-se a Índia, que até a sua independência, em 1947, buscou ser um país com autossuficiência econômica e pouca abertura aos países pertencentes à cena global. Nos anos 1990, porém, a Índia se viu obrigada a abrir o seu mercado aos investimentos estrangeiros após uma grave crise financeira. Inicia-se a partir daí o *boom* econômico do país, tendo experimentado um rápido crescimento de sua economia ao longo dos anos, que pode ser atribuído a diversos fatores, dentre eles: contingente populacional, estabilidade de uma democracia de mais de 60 anos e um sistema financeiro regulamentado. A Índia se firmou como um pólo de tecnologia, principalmente na área das ciências da computação e do setor de serviços, alguns economistas ainda afirmam que daqui a alguns anos o PIB da Índia irá superar o PIB americano;

americanos que, aliás, são os principais parceiros econômicos da Índia, juntamente com a China.

Diante de toda a perspectiva de desenvolvimento econômico e a padronização dos Estados diante das exigências do sistema internacional e da globalização, é pertinente se levar em conta o fator cultural, que é de suma importância na Índia. Em face de todas as mudanças ocorridas ao longo dos anos, principalmente com final da Guerra Fria, percebe-se que a padronização dos Estados devido ao economicismo imposto pelo sistema capitalista, está aos poucos interferindo e transformando os costumes culturais que permeiam o país desde sua criação, ou seja, ocasionando uma modificação na identidade cultural indiana. A exigência do sistema econômico mundial tem permeado a vida da sociedade e ocasionando uma ocidentalização, que pode ser notada através da perda de alguns costumes e a adoção de outros “impostos” pelo padrão global. É preciso admitir que o desenvolvimento econômico seja importante para o país, pois possibilitou muitas mudanças, porém a padronização imposta por ele vem suplantando a identidade cultural e tornando primordial os fatores econômicos.

A transformação cultural indiana devido ao economicismo surge como uma problemática que é característica do mundo globalizado e sua consequente padronização. Essas consequências podem se tornar nocivas, ao ponto de que países submetidos a esse sistema planejado já não demonstrem mais uma identidade forte, capaz de unir e representar a identidade de um povo.

2. OS ASPECTOS DA GLOBALIZAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADOR DAS SOCIEDADES E DAS CULTURAS

2.1. A Globalização e seus precursores, o neoliberalismo e o capitalismo

O processo da globalização em sua forma pós-moderna¹, que ganhou impulso a partir da última década do século XX, foi um divisor de águas para a sociedade internacional. O desenvolvimento da tecnologia, da internet e da agilidade na troca de informações, tornou possível a criação de uma nova forma de comunicação, desde então o mundo passou a vivenciar uma integração global cada vez mais profunda e de caráter praticamente irreversível. Isso só foi possível, em grande parte, após a Queda do Muro de Berlim em 1989, que culminou com o enfraquecimento e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Este fato foi de suma importância, pois colocou fim à Guerra Fria² e consequentemente à bipolaridade vivenciada pela sociedade internacional durante boa parte do século XX, abrindo assim caminho para a hegemonia mundial americana e seu ideal capitalista. As teorias acerca da globalização e a disseminação massiva do capitalismo serão analisadas a seguir.

A globalização é por si só uma revolução de caráter integracionista em contínuo desenvolvimento, que a princípio, fez-se fortemente presente na abertura econômica dos mercados e passou a englobar cada vez mais esferas, como a política, a social e a cultural. Esse fenômeno pode ser definido como:

No geral, a globalização é uma nova fase de desenvolvimento capitalista, as características básicas são a desregulamentação dos mercados, processos de trabalho e força de trabalho, a privatização das economias, com base em mudanças tecnológicas centradas no uso de microeletrônica e utilização generalizada de novas tecnologias, como a robótica, automação, tecnologia da informação, biotecnologia e biogenética (MARTÍNEZ, SALAS e MÁRQUEZ, 1997 apud ABÍLIO, 2007, p. 1).

¹ Refere-se à nova globalização ocorrida nas últimas décadas do séc. XX na era da Terceira Revolução Industrial.

² É a designação atribuída ao período histórico, entre 1945 a 1991, de disputas estratégicas ideológicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, disputando a hegemonia política, econômica e militar no mundo.

As mudanças supracitadas só foram possíveis após o *boom* capitalista impulsionado pelo neoliberalismo americano, ou seja, o fenômeno da globalização é fruto direto da expansão e mundialização³ do modo de produção capitalista, que só se disseminou livremente após o fim da Guerra Fria. Este modo de produção revolucionou definitivamente as relações econômicas e de trabalho, visando à livre circulação de capital e a menor interferência possível do Estado nas relações comerciais. Ocorre, a partir da globalização, a mudança de padrão político do Estado de Bem Estar Social⁴ para o Estado Mínimo⁵, onde o acúmulo de capital passa a ser massivamente incentivado, bem como a abertura dos mercados, principalmente o dos países do Terceiro Mundo⁶. Configura-se assim, uma nova formulação nas relações de produção dentro das relações internacionais, marcada pela dependência entre os Estados, pela abertura dos mercados, pela redução das tarifas alfandegárias e pelo estímulo ao consumo de bens e novas tecnologias.

Um fator de extrema importância para a compreensão dessa transformação é o fortalecimento do neoliberalismo, adotado como política de governo para a economia e grande responsável pelo desenvolvimento do capitalismo como o temos hoje, motor impulsionador da globalização. A política neoliberal veio em oposição ao keynesianismo, que tem como base as ideias do economista John Maynard Keynes, essa política defendia a intervenção direta do Estado na economia, com o objetivo de alcançar o pleno emprego e equilíbrio da capacidade de produção através do protecionismo econômico. O keynesianismo perdeu força nas últimas décadas e foi suplantado pelo avanço do neoliberalismo, estudado por muitos autores, dentre eles Joseph Samuel Nye e Robert Keohane, que reformularam os pensamentos liberais e de interdependência como os de Adam Smith e Kant. Estes autores pregavam uma diminuição cada vez maior do papel do Estado na economia, servindo este apenas como agente regulador, e por muitas vezes sujeito ao próprio sistema econômico e a outros atores⁷ pertencentes ao cenário internacional. Esse reducionismo à economia

³ Processo histórico, com incidência política, econômica, cultural, tecnológica, etc., acelerado na segunda metade do século XX, que representa a consciência de que os fenômenos se apresentam inter-relacionados, independentemente das fronteiras territoriais, das diferenças étnicas ou linguísticas, etc.

⁴ Tipo de organização política e econômica que coloca o Estado como agente da promoção (protetor e defensor) social e organizador da economia.

⁵ Redução do papel do Estado na regulamentação da economia, inspirado nos ideais liberais.

⁶ Aqueles que possuem uma economia e/ou uma sociedade pouco ou insuficientemente avançada.

⁷ Os atores do sistema internacional podem ser: Estado, Organizações Internacionais, Organizações Não-Governamentais, Empresas, Igrejas, Sociedade civil, Indivíduos, entre outros.

também aprofunda cada vez mais a relação entre os Estados, ao passo que as relações comerciais se interligam rapidamente, tornando-os mais dependentes uns dos outros (KEOHANE & NYE, 1981).

Os três fatores abordados até então, sendo eles a globalização, o neoliberalismo e o capitalismo, se influenciam de forma mútua e tem como plano de fundo a política norte americana de disseminação de sua cultura política e social. O *American Way of Life*⁸, muito utilizado como propaganda durante o período da Guerra Fria, passa a ter espaço para se difundir livremente através do sistema internacional. Sendo assim, o neoliberalismo surgiu como base teórica para os ideais de expansionismo econômico, ao passo que o capitalismo passa a ser a ferramenta econômica que visa a produção para o mercado, o lucro e acumulação de capital, buscando sempre a internacionalização. Por fim tem-se a globalização, que foi fruto e ao mesmo tempo meio para que a nova ordem mundial pudesse ser estabelecida.

A construção e o estabelecimento dessa nova ordem no sistema internacional trazem consigo dois fatores importantes e paradoxais. O primeiro é a criação de uma estabilidade no próprio sistema, pois chegara ao fim o período de tensões e bipolaridade, frutos da Guerra Fria e do embate: capitalismo x socialismo. As nações agora se veem livres para fazer suas escolhas em seu próprio benefício. O segundo fator é o cenário de incertezas, pois a abertura dos mercados para as grandes corporações e a adoção do neoliberalismo, significa uma crescente perda da autonomia e poder do Estado. Sendo assim, após a derrocada do socialismo, a internacionalização do capitalismo atinge praticamente todo o planeta e se intensifica a tal ponto que merece uma denominação especial, globalização, marcada basicamente pela mundialização da produção, da circulação e do consumo, e de todo o ciclo de reprodução do capital. Nessas condições, a eliminação de barreiras entre as nações torna-se uma necessidade, a fim de que o capital possa fluir sem obstáculos. Daí o enfraquecimento do Estado, que perde poder face ao das grandes corporações (TORRES E MUNIZ, 2004).

⁸ É uma expressão referente a o "estilo de vida" praticado pelos habitantes dos Estados Unidos da América, utilizado durante a Guerra Fria para disseminar as diferenças entre o capitalismo e o socialismo.

As contradições a respeito desses aspectos, consequências da nova ordem mundial, serão mais bem observadas no ponto a seguir.

2.2. Incerteza versus estabilidade: redução do Estado-Nação

Conforme já citado anteriormente, o fim da Guerra Fria e do conflito de ideologias do qual o capitalismo saiu vitorioso, foi responsável por grandes modificações no sistema internacional. O contexto pós-queda do Muro de Berlim pode ser caracterizado por um cenário onde dois conceitos paradoxais que coexistem, a incerteza versus a estabilidade.

Em seu texto, *Os Estados nacionais frente à globalização*, Mario Rapoport retoma as ideias de Kissinger, que afirmava que o sistema internacional estava em um momento de multipolaridade econômica, onde a ausência de um inimigo abriu os caminhos para a liberdade de escolha dos Estados, para que estes pudessem adotar políticas que visavam única e exclusivamente seu desenvolvimento. A abertura econômica dos mercados de vários países, entre eles o da Índia, objeto de estudo deste trabalho, acontece nessa época (anos 1990). Em decorrência desse acontecimento pode-se observar a ascensão de alguns países no cenário global, tais como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS) e também a Coreia do Sul, que sofreram mudanças significativas em função da economia.

Com a vitória do capitalismo, tem-se a adoção da política neoliberal, a abertura econômica dos mercados, e a expansão das grandes corporações multinacionais. Estes acontecimentos, ao mesmo tempo em que libertadores, são responsáveis pela criação de um cenário de incertezas, pois se chega a um ponto crucial onde o Estado passa a, em nome do desenvolvimento econômico, perder autonomia diante do seu próprio mercado. A busca pela adequação aos padrões econômicos vigentes, regidos pelo ideal neoliberalista, faz com que os Estados se sujeitem a uma forte interferência de fatores e atores externos, passando assim a ter uma perda gradativa da sua autonomia. Todo esse contexto é fato gerador de incertezas no que diz respeito ao papel e a força do Estado diante da adoção do desenvolvimento econômico por meio do capitalismo, como objetivo primeiro de um governo (RAPOPORT, 1997).

Pode-se observar, frente a todos esses fatores conflitantes, o surgimento de teorias a cerca da redução do papel do Estado-Nação, no que diz respeito ao controle de sua economia. Tal redução na autonomia dos Estados, não ocorre de maneira abrupta nem previsível, é um fenômeno só será observado ao longo dos anos no estabelecimento do capitalismo e estudado ao passo que novos atores se inserem no contexto internacional. A diminuição do papel estatal tem seu início a partir do momento em que, visando o desenvolvimento econômico, o Estado sobrepuja outros fatores inerentes à sociedade e passa a estabelecer a economia como ponto central e principal. Pode-se observar esse argumento no estudo de Mario Rapoport, *Os Estados nacionais frente à globalização*:

(...) sua maior dependência dos mercados mundiais e as políticas de ajuste estrutural reduziram neles a capacidade de forças locais de utilizar o aparato do Estado na busca de maior poder interno e autonomia internacional (RAPOPORT, 1997, p. 168).

Da mesma maneira afirmam Keohane e Nye (1988) em sua obra *Poder e Interdependência: La política mundial em transición*, onde colocam o que: o Estado perde poder para os novos atores e fatores das relações internacionais, como as grandes corporações e que o grau de importância dos assuntos no tocante ao governo havia sido substituído pelos fatores econômicos.

A internacionalização da economia e também o rápido avanço da globalização são precursores de outro fenômeno não menos importante, o economicismo. O estudo deste será de extrema importância para o posterior desenvolvimento desta pesquisa.

2.3. O Economicismo e a permeabilidade cultural

O economicismo é o termo utilizado para definir a política dos Estados que, no pós Guerra Fria, passaram a reduzir todas as esferas sociais aos fatores econômicos, ou pelas palavras de Ranquetat Júnior, Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

É a crença infundada no primado do econômico, na transformação deste fator na chave explicativa única de todos os acontecimentos da vida humana. Desse modo, todas as demais atividades e valores que escapam

ao império da lógica econômica são considerados como secundários acessórios e até mesmo supérfluos” (RANQUETAT, 2014).⁹

Em complemento à definição anterior, a lógica economicista pode ser definida como “a pretensão de elevar o ganho monetário à condição de motivação *par excellence*¹⁰ das atividades humanas é o que denominamos economicismo” (VIEIRA, 2012, p. 194).

Portanto, de acordo com o supracitado, o Estado passa a se basear apenas nos critérios econômicos para as tomadas de decisão, a economia é assimilada como ideologia ao passo de que todos os outros fatores relacionados à sociedade são deixados em segundo plano. Essa teoria tem como base as ideias marxistas de que a economia interfere de forma direta em todos os aspectos sociais, porém é necessário ressaltar que o economicismo atual distorce a ideia da luta de classes¹¹ e igualdade social, criadas por Marx e Engels, pois o Estado passa a negligenciar o bem estar social e tantas outras áreas importantes à governança política.

No tocante ao economicismo, necessita-se a compreensão de que esse fenômeno, afeta muito mais os países que buscam seu crescimento econômico e maior reconhecimento diante do sistema internacional, do que os países mais poderosos que ditam as regras dentro deste sistema. Com relação a quase a totalidade dos fatores acima, as transformações foram muito mais sentidas pelos países de terceiro mundo, do que pelos gigantes globais. Tem-se uma onda de adaptação ao padrão global vigente, regida pelo ideal economicista, que estimula a quebra de barreiras do governo às influências externas e o aprofundamento da interdependência. O Estado passa a se tornar gradativamente mais vulnerável às regras do sistema econômico internacional e aos padrões de conduta e comportamento dos países hegemônicos, cujo maior influenciador é os Estados Unidos. Os EUA, por sua vez é o grande responsável pela propagação dos fatores de derivação liberal que transformaram as relações internacionais do séc. XX. (DEL ROIO, 2008).

A ideologia capitalista proporcionou espaço para a abertura econômica de muitos países nos anos 1990, dentre eles Índia e Brasil, que buscavam o

⁹ Disponível em: <<http://revistavilanova.com/o-economicismo-e-o-marxismo-difuso/>>

¹⁰ “Por excelência”

¹¹ Termo relacionado à luta entre a burguesia e o proletariado, onde o segundo buscava por melhores condições de vida e de trabalho.

crescimento econômico e viam no desenvolvimento dos EUA um modelo a ser seguido. Ao dar enfoque à economia, o país pré-dispõe o fortalecimento do economicismo, a permeabilidade das influências externas passa a ser cada vez maior, uma vez que se faz necessário adotar as políticas de adaptação à internacionalização econômica. Sendo assim, para que um país possa se inserir na realidade da economia global é preciso que este jogue conforme as regras do jogo. Estas regras não dizem respeito apenas a aspectos econômicos, elas trazem consigo toda uma bagagem de conceitos ideológicos, éticos e culturais, que são inerentes àqueles países pelas quais estas, estão sendo elaboradas.

Um dos fatores mais marcantes da permeabilidade das influências externas é o aspecto cultural, pois com a globalização ocorre o processo de aproximação das culturas, da troca de conceitos e ideologias e ao mesmo tempo uma sobreposição da cultura dominante, como no caso dos Estados Unidos. Dá-se a partir daí um predomínio do padrão ocidental nas relações internacionais, ou seja, uma ocidentalização do mundo, que pode ser observada em praticamente todas as esferas da sociedade. A interferência deste padrão pode ser observada na música, cinema, moda, costumes e através da própria língua inglesa, vista como universal (RIBEIRO, 2010).

Ainda a respeito dessa sobreposição de culturas, Lipovetsky e Serroy (2008) afirmam em seu livro *A Cultura-Mundo*, que o momento vivido pela sociedade atual é a era da cultura mundo:

Cultura–mundo significa o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e a universalização da cultura, mercantil, apoderando-se das esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas. Com a cultura-mundo, dissemina-se em todo o globo a cultura da tecnociência, do mercado, do indivíduo, das mídias, do consumo; e, com ela, uma infinidade de novos problemas que põe em jogo questões não só globais (ecologia, imigração, crise econômica, miséria do Terceiro Mundo, terrorismo...), mas também existenciais (identidade, crenças, crise dos sentidos, distúrbios de personalidade) (LIPOVETSKY e SERROY, 2008, p. 9).

Do contexto acima, tem-se como conseqüência, uma gradativa padronização de costumes e culturas, que é um produto da inserção estatal no mercado

internacional, guiado pelas rédeas do neoliberalismo, do hipercapitalismo¹² e do economicismo.

2.4. A padronização Global

O enfraquecimento do Estado-Nação acontece através do fortalecimento das políticas economicistas que abrem caminho para o exercício do *soft power*, que por sua vez gerará uma padronização cultural, com base nas ideologias das hegemonias ocidentais. O *soft power*, exercido fortemente pelos Estados Unidos na última década do século XX, era e é utilizado como uma busca pela afirmação definitiva da sua hegemonia e pode ser exemplificado nas palavras de Joseph Nye:

(...) um modo indireto de exercer o poder. Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando os seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade. Neste sentido, é igualmente tão importante estabelecer a agenda na política mundial e atrair os outros quanto forçá-los a mudar mediante a ameaça ou o uso das armas militares ou econômicas. A este aspecto do poder – levar os outros a querer o que você quer -, dou o nome de poder brando. Ele coopta as pessoas em vez de coagi-las (NYE, 2002, p.36).

Conforme afirmado por Nye, o poder brando é utilizado pelas potências hegemônicas para cooptar os países de terceiro mundo na adoção do seu modelo de vida, o que gera ao longo do tempo a chamada a padronização global. Fazendo-se uma adendo ao *soft power* descrito por Nye, conecta-se o pensamento da autora indiana Spivak (2010), que irá tratar a questão exploratória entre países do primeiro mundo, detentores do capital e os de terceiro mundo, que fornecem o campo para que os investimentos do primeiro grupo sejam feitos. Para tanto é preciso que os países de terceiro mundo passem por uma adaptação, uma padronização condizente com os costumes das hegemonias globais, em decorrência desta “exigência”, foram padronizados os sistemas de transporte, a educação e as leis. A conservação deste tipo de divisão é extremamente vantajosa aqueles países que ditam as regras do jogo, pois ajuda a manter a exploração da mão-de-obra barata nos países mais desfavorecidos economicamente. Apesar do argumento de Spivak ter sido utilizado na crítica à época da colonização, este se encaixa perfeitamente na

¹² Sistema integrado de capitalismo globalizado.

configuração global atual, onde os países hegemônicos exercem uma nova forma de dominação sob os outros, e esta dominação ocorre principalmente através da inserção e difusão dos padrões de vida ocidentais por meio do capitalismo (SPIVAK, 2010). É preciso destacar, porém, que a padronização não é apenas fruto do *soft power*, mas também do *hard power*¹³, que conforme o modelo americano, utiliza-se da força bélica e pressões econômicas para atingir seus objetivos. O *hard power*, inclusive, foi o que primeiramente fez com que os EUA despontassem do cenário global, através da ação decisiva dos americanos durante a Primeira Guerra Mundial.

A padronização global inicia-se a partir do momento em que os países hegemônicos utilizam-se dos padrões neoliberalistas de mercado para exercer o *soft power* nos países que buscam desenvolvimento. As grandes hegemonias passam a engendrar sua cultura de forma contínua principalmente nas sociedades do terceiro mundo, os efeitos dessa padronização são sentidos mais fortemente nas sociedades com culturas orientais, onde o choque entre local e externo será maior. Tem-se aí, pontos conflitantes, onde a hipercultura¹⁴ bombardeia a cultura local e a identidade cultural de uma sociedade, onde as transformações podem fazer-se de forma irreversível. “Uma cultura-mundo que não reflete o mundo, mas o constitui, o engendra, o modela, o faz evoluir, e isso de maneira planetária” (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p.11).

Serão tomadas como base as transformações sofridas pela identidade cultural indiana, tão marcante e interligada ao aparato político e social da Índia, passando pela formação da sua civilização, pela sua colonização, pela abertura do seu mercado e à sua aproximação com os EUA, até os dias de hoje.

¹³ Poder bruto ou *hard power*. “tanto o poder militar como o econômico são exemplos do duro poder de comando que se pode empregar a fim de induzir os demais a mudarem de posição” (NYE, 2002 p. 36).

¹⁴ Cultura-mundo, decorrente do processo de globalização e sobreposição cultural (LIPOVETSKY & SERROY, 2011)

3. OS PRINCIPAIS ASPECTOS DA CULTURA INDIANA

3.1. O que é cultura e identidade cultural?

Antes de aprofundarmos os conceitos da cultura indiana e os aspectos marcantes relativos à formação da sua identidade, é necessário o entendimento a cerca do que vem a ser cultura e como acredita-se ser formada a chamada identidade cultural.

No seu conceito mais simplificado:

Cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica (SILVA e SILVA, 2006, p. 1).

Outra definição genérica que converge com a anterior é a feita por Satpathy (2010), este afirma que a cultura pode ser entendida como:

[...] a way of life. The food you eat, the clothes you wear, the language you speak in and the God you worship all are aspects of culture. In very simple terms, we can say that culture is the embodiment of the way in which we think and do things. It is also the things that we have inherited as members of society. All the achievements of human beings as members of social groups can be called culture. Art, music, literature, architecture, sculpture, philosophy, religion and science can be seen as aspects of culture. However, culture also includes the customs, traditions, festivals, ways of living and one's outlook on various issues of life (SATPATHY, 2014, p.3).¹⁵

As conceituações acima delimitam de maneira genérica o que é cultura e quais suas linhas básicas, a seguir, a definição de cultura será aprofundada nas ideias de importantes autores sobre o tema.

¹⁵ [...] um modo de vida. O alimento que você come, as roupas que veste, o idioma que você fala e o Deus que você adora todos são aspectos da cultura. Em termos muito simples, podemos dizer que a cultura é a personificação da maneira em que podemos pensar e fazer as coisas. Também são as coisas que herdamos como membros da sociedade. Todas as conquistas dos seres humanos como membros de grupos sociais podem ser chamadas de cultura. Arte, música, literatura, arquitetura, escultura, filosofia, religião e ciência podem ser vistos como aspectos da cultura. No entanto, a cultura também inclui os costumes, tradições, festivais, modos de vida e as visões sobre as questões da vida.

O conceito atual de cultura só passou a ser utilizado a partir do Renascimento, que proporcionou grandes mudanças em várias esferas da sociedade, marcando uma ruptura com a época medieval e o feudalismo. A mudança do pensamento na época fez com que o termo cultura fosse então associado à humanidade e ao seu desenvolvimento, e não somente ao cultivo natural, como o de plantas e bactérias comumente estudadas pelos cientistas. O primeiro a formular esta concepção de cultura foi Edward Tylor em 1871, que sintetizou o termo no inglês, *culture*, em “*tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade*” (TYLOR, 1871 apud LARAIA, 1986, p. 25). Tylor entendia cultura como algo caracterizado pela dimensão coletiva, a expressão do indivíduo em uma totalidade (sociedade), a transmissão dessa cultura acontece na maioria das vezes de maneira inconsciente e independente de herança biológica. Este autor tinha uma visão evolucionista da cultura, analisando-a em seu aspecto universal, afirmando que todos os seres humanos têm a capacidade de progresso.

Complementando a concepção de cultura sintetizada por Tylor, para o francês Laplantine, *cultura* “*é o conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades adquiridas através do processo de aprendizagem e transmitidas ao conjunto de seus membros*” (LAPLANTINE, 1987, p. 120).

O entendimento de cultura é então, o de que esta ocorre como o resultado da inserção do ser humano em diferentes contextos sociais, independente de herança genética ou determinismo biológico. A definição de cultura está ligada a fatos e costumes sociais, transmitidos de geração em geração e que sofrem modificações e transformações ao longo do tempo, levando-se em consideração a época e o contexto histórico. Cultura é tudo aquilo que as pessoas pertencentes a uma sociedade fazem e vivem que não está conectado com o lado animal, ou seja, ações que não estão ligadas a instinto natural ou necessidades biológicas.

As práticas relativas à construção da cultura estão presentes desde os primórdios da civilização e proporcionam aos seres humanos uma noção de pertencimento, como parte de um todo, participante de um contexto social onde é ao mesmo tempo agente transformador e passivo de absorção de novas práticas. É

preciso apenas lembrar a existência de vários tipos de cultura que podem ser distinguidas pelos mais variados tipos de critério, o mais abrangente deles é o de cultura dividida por nações, chega-se aí num ponto crucial para o presente estudo: formação da identidade cultural.

A identidade cultural é a noção de diferenciação entre culturas, cada país, povo ou sociedade possui uma identidade cultural geral que lhes proporciona pertencimento e os distingue uns dos outros. Roger Scruton salienta a importância da identidade cultural em diferentes figuras afirmando que:

A condição do homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar (SCRUTON, 1986 apud HALL, 1992 p. 48).

Portanto, Scruton entende que o indivíduo necessita estar inserido em algo do qual se sinta parte de um todo e este todo, na maioria das vezes está atrelado ao sentido de sociedade e de Nação.

Outro autor que irá tecer suas ideias a respeito de identidade é Benedict Anderson (1983), que também como Scruton acredita em uma identificação maior que une as pessoas em sociedade. Porém Anderson será o primeiro a introduzir o termo de identidade nacional como “comunidade imaginada”, afirmando que esta constrói sentido sob os quais as pessoas podem se identificar, utilizando-se da volta ao passado e das histórias que conectam a Nação. Anderson afirma que a diferença entre as sociedades é a forma como elas são imaginadas.

Seguindo a linha dos pensamentos de Anderson, o sociólogo Stuart Hall, identifica em *A identidade cultural na pós-modernidade*, que a identidade cultural se traduz muitas vezes na identidade nacional, onde:

(...) há uma narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (HALL, 1992, p. 52).

O conceito de identidade cultural já foi abordado sob diferentes óticas e opiniões ao longo da história, porém em linhas gerais, tal identidade é formada pela soma das identidades individuais, pela influência da identidade nacional, e pela construção de simbologias, costumes e mitos. A soma de tais fatores é responsável pela formação das identidades, pela criação do sentimento de pertencimento dentro de uma sociedade. Hall ainda irá definir identidade de forma simples, afirmando que:

Para dizer de forma simples: Não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional (HALL, 1992, p.59).

Da mesma maneira, Sousa irá entender que:

A identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Sendo um conceito de trânsito intenso e tamanha complexidade, podemos compreender a constituição de uma identidade em manifestações que podem envolver um amplo número de situações que vão desde a fala até a participação em certos eventos (SOUSA, 2010).¹⁶

A formação de identidades culturais é inerente às sociedades, ao indivíduo, pois o ser humano como ser pensante, produz e tal produção é cumulativa, transmitida, repetida e aperfeiçoada no decorrer do tempo. A heterogeneidade de inúmeros fatores culturais se transforma em uma unicidade superior através da identificação por meio da cultura, pelo tomar para si um apanhado geral de costumes e se sentir parte pertencente a um contexto social, seja no âmbito de nação ou comunidade. É do sentimento de pertencimento que surge o contraponto entre identidades culturais, a partir do momento em que um indivíduo se realiza como pertencente a uma determinada cultura, este irá perceber outras culturas como díspares à sua, assim constroem-se as diferentes identidades culturais. Para Manuel Castells:

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são

¹⁶ Disponível em: < <http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm>>

processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social (CASTELLS, 1999 p. 23).

Na citação acima, Castells aponta a religião como um dos elementos formadores das identidades culturais. Tal afirmação é de extrema relevância, pois os ritos religiosos e a religiosidade sempre foram presentes na vida das pessoas e das sociedades, como por exemplo, a influência do cristianismo na formação da Europa ocidental, do islamismo no oriente médio, do budismo em alguns países asiáticos e do próprio hinduísmo, sobre o qual a formação será aprofundada a seguir. A religião por si só é muitas vezes traduzida em identidade cultural, capaz de construir os pilares doutrinadores das sociedades. Isso pode ser visto até hoje, onde em muitos países o Estado ainda não é laico e a religião exerce extrema influência dentro dos órgãos governamentais, como no caso da Índia e do Irã.

Em sua obra, *O poder da identidade*, Castells irá ressaltar não apenas o poder da religião na formação da identidade, mas também o fundamentalismo religioso, pois este “é um atributo da sociedade, e ousaria dizer, da natureza humana, se é que tal entidade existe, encontrar consolo e refúgio na religião” (CASTELLS, 1999, p. 29). Cita ainda o medo da morte e as dores da vida como propulsores na busca por Deus e pela fé, que dão maior sentido à existência. Sendo assim o fundamentalismo religioso representa uma das mais importantes fontes de construção de identidade na sociedade. A partir da ideia de identidade cultural atrelada à sociedade pode-se iniciar a discussão a respeito do ponto seguinte, onde os primórdios da cultura indiana serão abordados.

3.2. As bases da formação da civilização e da cultura indiana: períodos pré e colonialista

Nos primórdios da ocupação do território indiano, as tribos drávidas invadiram e tomaram o que hoje é a Índia, até meados do III milênio a.C., a partir daí verificam-se uma série de invasões de povos estrangeiros, em sua maioria de grupos indoeuropeus, conhecidos como indoarianos. Ao longo do tempo e de diversas invasões, estabeleceram-se na Índia, Estados autônomos, como reinos que governavam de forma independente. O reino de Magadha ganhou força e se tornou

dominante em meados do século VI a.C.¹⁷, porém após um período de ascensão, Magadha foi suplantada pelo reino de Chandragupta, que estabeleceu a partir daí uma dinastia de reis indianos, os Máuria, e tornou o budismo a religião oficial dominante. Várias dinastias se seguiram após os Máuria, porém na dinastia Sunga, ocorre um fato de extrema importância para a atual conjuntura da cultura indiana: a queda do budismo e a adoção do brahmanismo, com o qual o sistema de castas se estabeleceu com força na estrutura social a Índia. Ainda na era a.C., mais precisamente nos seus dois últimos milênios, desenvolve-se, no vale no Rio Ganges, uma nova cultura, a cultura Védica.¹⁸

Tomando corpo no fim do segundo milênio antes de Cristo, esta civilização durou até o início do império Máuria, em 322 a.C. [...] o período Védico é indubitavelmente importantíssimo como substrato cultural para as sociedades que vão se desenvolver no subcontinente indiano. É nesta época em que são compostos os Vedas, um conjunto de quatro textos (Rigveda, Yajurveda, Samaveda e Atarvaveda) que será à base de toda religião e educação hindu posterior. Uma forma primeira de Sânscrito também será formulada neste período, assim como o budismo e o jainismo (MENDONÇA, 2009).

Já na era d.C, após séculos de lutas pelo poder, o rei Chandragupta II estabeleceu um período de paz duradoura, progresso e crescimento econômico, no qual outro fator de extrema importância despontou; o hinduísmo que após assimilar algumas características do budismo, experimentou um forte renascimento. Seguiram-se a este reinado, os domínios de mulçumanos, do império mongol, que foi um grande fortalecedor cultural, durante o reinado dos mongóis foi construído o Taj Mahal.¹⁹

Na primeira metade o século XVIII, o Império mongol deixou de existir e como e como consequência, estabeleceu-se na Índia um caos político, onde a autoridade vigente não pôde mais manter a centralização no território, surge novamente a partir daí a divisão do território em vários reinos, com governos independentes. Esta fragmentação e a falta de uma autoridade centralizadora efetiva fizeram com que o caminho para a progressiva dominação britânica fosse aberto.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/indiana/civilizacao-indiana.htm>>

¹⁸ Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/indiana/civilizacao-indiana.htm>>

¹⁹ O Taj Mahal é mausoléu da esposa de um imperador mongol do século XVII, foi construído por cerca de 20.000 trabalhadores de 1631 a 1648 em Agra, cidade no norte da Índia. É considerado como um símbolo cultural da Índia.

A Companhia Inglesa das Índias Orientais²⁰, outorgada pela rainha Isabel I, suplantou o monopólio português no comércio com as Índias e abriu espaço para a criação da primeira feitoria inglesa em território indiano, no golfo de Khambhat. À fragmentação causada no território indiano com a queda do império mongol, seguiu-se uma crescente desunião entre os reinos e comunidades existentes. Isto facilitou ainda mais o fortalecimento da dominação britânica, culminando com a Acta para o Melhor Governo da Índia em 1858, que transferia a administração da Índia da Companhia das Índias Orientais à Coroa britânica.

A colonização britânica estendeu-se de 1858 até 1947, com a promulgação da independência do Estado indiano pelo governo da Inglaterra. Este fato só se tornou realidade graças ao ressurgimento do sentimento nacionalista dentro da Índia, que ganhou força em meio a quase um século de dominação. Pode-se considerar então que, dentre outras coisas, a colonização britânica foi responsável pela unificação do povo indiano, pela criação de movimentos de cunho nacionalista que desenvolveram produções intelectuais e culturais; foi criado o Congresso Nacional Indiano, que ascendeu as lutas políticas em território, respondendo até ao decreto de lei marcial imposto pelos britânicos como reação as crescentes objeções populares à colonização. É também durante este período que surge umas das figuras mais simbólicas da Índia, Mahatma K. Gandhi, reformador social e religioso hindu, que inspirou o combate à repressão britânica através de resistência passiva. Os movimentos de luta não-violenta influenciados por Gandhi, juntamente com a crescente força do Congresso indiano, fizeram com que o governo britânico cedesse certa autonomia aos indianos, porém a independência completa ainda era o objetivo dos mais radicais. As pressões populares e dos líderes locais intensificaram-se durante a Primeira Guerra Mundial e os conflitos com a Inglaterra só aumentaram, até que em 15 de agosto de 1947, conforme estipulado na Lei de independência, foi estabelecido que a Índia e o Paquistão seriam Estados independentes dentro da *Commonwealth*^{21, 22}.

²⁰ A Companhia Inglesa das Índias Orientais foi uma companhia majestática formada por comerciantes de Londres, em 1600, com o nome de “Company of Merchants of London Trading to the East Indies”, a quem a rainha Elizabeth I concedeu o monopólio do comércio com as “Índias orientais” por um período de 15 anos.

²¹ Commonwealth britânica é uma organização intergovernamental composta por 53 países membros independentes. Todas as nações membros da organização, com exceção de Moçambique (antiga colônia do Império Português) e Ruanda, faziam parte do Império Britânico, do qual se desenvolveram.

²² Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/indiana/civilizacao-indiana.htm>>

Antes de abordar o período pós-colonial e suas influências, é importante destacar os fatores e heranças pré e coloniais, que somados aos fatores históricos supracitados, foram determinantes na estruturação da cultura e da identidade cultural indiana. Um dos fatores culturais mais marcantes do período pré colonial foi o surgimento da cultura védica, bem como o desenvolvimento do Vedas, escrituras sobre as quais baseiam-se a religião e a educação indianas, tais escritos são a base de todo o desenvolvimento cultural posterior indiano (MENDONÇA, 2009).

Há cerca de 3 500 anos, as comunidades na região do vale do Indo, atual norte da Índia, começaram a organizar um dos sistemas religiosos mais antigos de que temos notícia: o hinduísmo. Suas crenças foram transmitidas oralmente de geração em geração por muitos séculos até serem transcritas nos Vedas, compilação de hinos e preces considerada como o primeiro livro sagrado da história. O conteúdo dessa literatura sagrada, composta de quatro volumes de texto em versos, explica ao mesmo tempo a unidade e a variedade das múltiplas correntes do hinduísmo. Graças a alguns de seus ensinamentos mais importantes, esse conjunto de livros é sagrado para mais de um bilhão de pessoas que seguem seitas tão diferentes a ponto de serem monoteístas, politeístas ou panteístas – e ainda assim integrem a mesma religião (SANTORO e SARTORELLI, 2008).²³

É notório que a sociedade indiana se baseia na religião hindu e que há um profundo respeito às antigas tradições, isto faz com que a religiosidade permeie todos os aspectos sociais indianos, tais como a política, educação e saúde. Destaca-se também o caráter de continuidade da cultura indiana, jamais houve uma rejeição violenta da cultura anterior como no caso europeu por ocasião da hegemonia do cristianismo. A religião hindu sempre permitiu maior liberdade de opiniões, sempre esteve mais aberta, por isso sempre caminhou lado a lado com a política e a educação, estes fatores fizeram com que o hinduísmo se tornasse e permanecesse parte inerente da sociedade indiana até a atualidade.

Na história da Índia sempre foi possível se observar a fragmentação do povo em diversas comunidades, consequência da ascensão de diferentes grupos ao longo do tempo. Partindo da afirmação acima, destaca-se o fator chave na colonização britânica, a unificação do povo indiano; não uma unificação de fora para dentro, imposta pela Inglaterra, mas uma unificação de dentro para fora, pois se deu da mobilização dos indianos no objetivo de buscar a sua independência. Durante a colonização, conforme já mencionado anteriormente, surge o Congresso Nacional

²³ Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religiao/vedas-livro-aberto-447671.shtml>>

Indiano, com o propósito de defender os interesses da população e lutar por uma Índia independente. O Ideal de independência fez com que as muitas comunidades dentro do território indiano, se unissem através de quase um século, um processo relativamente lento, porém de extrema importância para a formação da Índia atual. As lutas pela liberdade despertaram um sentimento nacionalista, que por sua vez fomenta o desenvolvimento de uma identidade nacional, uma identidade na qual o povo indiano se vê e se considera pertencente. A partir deste momento a identidade nacional passa a também ser uma identidade cultural, com elementos que são capazes de se sobrepor, sem refutar, às regionalidades e criar um fator de união e representatividade nacional (HALL, 1992).

Toda colonização é uma forma de dominação e desrespeito à soberania de um povo, com a colonização britânica na Índia não foi diferente, porém podemos destacar este aspecto positivo no que diz respeito à unificação do povo indiano, sem falar na herança da língua inglesa, que se tornou uma das línguas oficiais e facilitou a comunicação entre os diferentes povos e comunidades no território indiano (VILELA, 2007).

3.3. As bases da formação da civilização e da cultura indiana: o pós-colonialismo

Antes de introduzir os fatores essencialmente pós coloniais relativos à formação a civilização indiana, é importante ressaltar aqui a crítica pós-colonial quanto à ideologia colonialista e suas conseqüências na Índia. Uma das grandes críticas e estudiosas do pós-colonialismo é Spivak (2010), em sua obra *Pode o subalterno falar?*, a autora irá construir o argumento baseado no porquê de os países ocidentais se verem sempre como “o sujeito” e enxergarem os países de terceiro mundo como “o outro”. Por ser indiana, Spivak constrói seu pensamento baseada na colonização e na descolonização na Índia, e nas suas vivências pessoais, utiliza-se do suporte teórico de importantes autores como Marx e Foucault. A crítica desta autora é extremamente interessante, pois afirma que os países hegemônicos viam, nos outros países e no seu povo uma ausência de consciência, sujeitos dispersos e deslocados, que por tal motivo precisam de representação. Portanto a necessidade de representação seria um dos argumentos para a

colonização, porém este representante estaria muito mais interessado em defender seus próprios interesses do que o interesse dos seus representados. O “sujeito” não teria total representação diante do “outro” justamente porque “a identidade dos interesses desses proprietários não consegue produzir um sentimento de comunidade, de ligações nacionais, ou de uma organização política” (SPIVAK, 2010, p. 37). Na Índia as pressões externas ocorreram por meio dos Sâscritos, que foram reescritos sob o jugo os britânicos para que servissem como base na opressão ao povo indiano, a legitimidade desses escritos foi ainda maior, pois foi apoiada pelos brâmanes²⁴ da elite indiana que tinham interesses na colonização. Spivak afirma então que os próprios indianos ajudaram na imposição colonizadora, não levando em consideração as tradições e localidades do povo indiano (SPIVAK, 2010).

Outro importante crítico pós-colonialista é o indiano Chatterjee (2001), de forma congruente ao pensamento de Spivak, este autor também acredita no papel decisivo dos próprios indianos na manutenção das desigualdades fruto da opressão colonialista, para ele o Estado-Nação seria o grande dispositivo administrativo e burocrático que explicaria a continuidade dos conflitos entre colonialismo e subalternos, sendo os subalternos o “povo”, mesmo num contexto de independência nacional, pois representaria uma forma de domesticação das múltiplas expressões políticas desses grupos sociais (MAIA, 2009).

O período seguinte a independência indiana foi marcado por algumas disputas territoriais entre Índia e Paquistão, os limites foram estabelecidos por uma parte neutra, neste caso o governo britânico, porém isto não evitou que o choque das culturas hindu e muçumana gerasse conflitos. A região alvo de maior disputa foi Caxemira, Estado de maioria muçulmana que acabou ficando sob o governo hindu no ato da divisão das fronteiras. Tal disputa só foi solucionada após a interferência do Conselho de Segurança da ONU, que conseguiu aprovação de ambas as partes para um plebiscito sobre o futuro político da Caxemira.

Em 1949 foi aprovado pela Assembléia Constituinte da Índia uma Constituição Republicana, na qual foi declarada ilegal a existência da casta dos “intocáveis”²⁵, antigo costume responsável pela degradação social e econômica de milhões de indianos. A Assembléia Constituinte se reformulou em Parlamento provisório, no

²⁴ É um membro da casta sacerdotal, a primeira do Varṇasramadharm ou Varṇavyavastha, a tradicional divisão em quatro castas (varṇa) da sociedade hinduísta.

²⁵ São designados como "shudras", grupo formado por trabalhadores braçais, considerados pelos escritos bramânicos, sobretudo o Manava Dharmashastra, como "intocáveis" e impuros.

qual foi eleito um primeiro-ministro. No ano de 1952 foram divulgados os resultados das primeiras eleições da República da Índia nas quais Rajendra Prasad foi eleito presidente.

Muitos acontecimentos marcaram os anos seguintes, como os conflitos diplomáticos com a China após o acolhimento de milhares de tibetanos durante a revolta tibetana em 1959; a eleição de Indira Gandhi para o posto de primeira ministra, que posteriormente foi acusada e declarada culpada pelo crime de corrupção durante as eleições; o apoio e o reconhecimento por parte da Índia ao novo Estado de Bangladesh, dissidente da guerra civil no Paquistão; o agravamento da crise econômica na Índia. Após várias idas e vindas no poder e várias medidas radicais, Indira foi assassinada em 1983 e seu filho Rajiv Gandhi prestou juramento como primeiro-ministro.

Nos anos subsequentes a Índia iniciou um processo gradativo de abertura econômica com a entrada de forma parcial de investimento externo, havendo reduções de tarifas e quebras de produção monopólicas estatais na medida em que a economia fosse crescendo, tais medidas tiveram como objetivo, a estabilização da economia indiana, que há anos encontrava-se fragilizada. Apenas nos anos 1990, após uma grave crise econômica devido ao déficit em sua balança comercial a Índia se viu obrigada pelo FMI a tornar o processo de liberalização mais agressivo, este processo de abertura econômica foi responsável pela reestruturação e criação de políticas de curto e longo prazo. O intuito do governo indiano com o *New Economic Policy* era de inserir a economia indiana no comércio internacional e no fluxo de capitais mundiais, porém esses objetivos necessitaram de inúmeras mudanças na política econômica indiana. Estas mudanças deram início à eliminação de barreiras tributárias, legislativas e econômicas para aumentar a entrada de capitais externos e aumento das exportações indianas (BERNDT e NUNES, 2011).

E neste contexto que os fatores econômicos ganham uma grande dimensão, com a quebra destas barreiras, não apenas influências econômicas passam a permear a sociedade indiana, mas também influências sociais e culturais que fazem “parte do pacote”. Este choque entre economia versus cultura será a base para a análise do capítulo seguinte.

3.4. A cultura indiana: breves apontamentos

A cultura indiana é uma das mais antigas do mundo e ao contrário de outras culturas milenares como a Grega e a Egípcia, suas tradições e costumes não se perderam completamente, a maioria dos rituais, crenças e práticas foram mantidas até a contemporaneidade, ainda que não da mesma maneira que no passado. Prova da vivacidade da cultura indiana é a forte influência que está vem sofrendo em decorrências das mudanças econômicas, que está aos poucos transformando os padrões seguidos pela sociedade durante milênios. Ainda que no presente estejam ocorrendo intensas modificações na cultura indiana está é intimamente ligada ao povo, é parte extremamente importante para sociedade. Como exemplo desta importância observa-se o argumento do professor indiano Binod Satpathy:

Culture is the soul of nation. On the basis of culture, we can experience the prosperity of its past and present. Culture is collection of values of human life, which establishes it's specifically and ideally separate from other groups (SATPATHY, 2014, p.4).²⁶

Satpathy ainda afirma em outro trecho de sua obra, *Indian culture and heritage*, que:

Culture is closely linked with life. It is not an add-on, an ornament that we as human beings can use. It is not merely a touch of colour. It is what makes us human. Without culture, there would be no humans. Culture is made up of traditions, beliefs, way of life, from the most spiritual to the most material. It gives us meaning, a way of leading our lives. Human beings are creators of culture and, at the same time, culture is what makes us human (SATPATHY, 2014, p.7).²⁷

Diante do supracitado é notória a importância dada à cultura pelos indianos, pois esta permeia quase a totalidade dos aspectos sociais dentro da Índia, da política à religião, da educação à alimentação, das vestimentas às festas. Serão ressaltados a seguir alguns aspectos marcantes da cultura indiana.

²⁶ A cultura é a alma da Nação. Nas bases da cultura, nós podemos vivenciar a prosperidade do seu passado e presente. Cultura é a coleção de valores da vida humana, que estabelece suas especificidades e ideais diferentes dos outros grupos.

²⁷ A cultura está intimamente ligada com a vida. Não é apenas uma adição, um ornamento que nós, como seres humanos podemos usar. Não é apenas um toque de cor. É o que nos torna humanos. Sem cultura, não haveria seres humanos. Cultura é composta de tradições, crenças, modo de vida, do mais espiritual ao mais material. Ele nos dá sentido, uma maneira de conduzir nossas vidas. Os seres humanos são criadores de cultura e, ao mesmo tempo, a cultura é o que nos torna humanos.

Dentre os inúmeros festivais que acontecem na Índia, destacam-se: o *Holi* ou *Dhulheti*, Festival das Cores comemorado de fevereiro a março, celebra a chegada da primavera; o *Ganesha* Festival, em agosto e setembro, comemora o nascimento do Deus da sabedoria *Ganesha*; o Festival das Luzes ou *Diwali* simboliza a destruição das forças do mal; o *Khumba* Mela é o principal festival do hinduísmo, e ocorre quatro vezes a cada doze anos, milhares de indianos se reúnem para se banhar nas águas sagradas do encontro dos rios *Ganges*, *Yamuna* e *Saraswati*, com o intuito de purificar suas almas.²⁸

Além dos festivais, as vestimentas indianas também estão profundamente ligadas às tradições culturais, uma das principais roupas é o *Sari*, um tipo de vestimenta feminina, que é enrolado em todo o corpo da mulher. Além do *Sari*, há também o *Salwar Kameez*, que é um conjunto de túnica e calça de algodão e a *Lehenga* um traje social, usado em festas e casamentos. Os homens vestem *Dhoti*, uma peça de pano que eles enrolam nos quadris, como calça. Há ainda uma túnica masculina chamada de *Kurta* e uma *Dupatta* que é um lenço colocado por cima da *Kurta*.²⁹

É importante salientar também as características da família indiana, pois está é muito importante para a formação da sua sociedade. Dentro destas famílias vivem, junto com o marido e a mulher, frequentemente todos os filhos do casal e suas noras, todos os netos, e ainda, possivelmente, se os netos homens tiverem idade bastante para o casamento, todos os bisnetos. À mulher mais idosa da casa, normalmente cabe o papel de administrar a família.³⁰

Um dos mais importantes aspectos da cultura indiana é sem dúvida o hinduísmo, para Binod Satphy, a cultura hindu se confunde com o próprio Estado, pois está tão intimamente ligada à sociedade que é difícil fazer-se uma distinção; “*nation became culture and culture became nation*” (SATPATHY, 2014, p.9). O hinduísmo é parte inerente à formação da cultura indiana, apesar da presença mulçumana no território, a grande maioria da população é hindu e segue os preceitos dos Vedas, considerado o livro sagrado da religião. Os hindus mantêm

²⁸ Disponível em: <<http://www.hindujagruti.org/hinduism/knowledge/article/history-and-importance-of-kumbh-mela.html>>

²⁹ Disponível em: <<http://indiaparatodos.blogspot.com.br/2009/11/vestimentas-indianas.html>>

³⁰ Disponível em: <<http://www.renegenon.net/HinduTextoFamiliaDiferente.html>>

diferentes crenças, que variam de acordo com a localidade, porém todas elas são baseadas nos mesmos pilares:

Para o Hinduísmo a vida é um ciclo eterno de nascimentos, mortes e renascimentos; todo ser humano renasce cada vez que morre. Todavia, se um ser humano cumprir uma vida exclusivamente voltada para o bem conseguirá se libertar desse ciclo (NETO, 2009, p. 73).

Os hindus, em sua grande maioria, são vegetarianos, pois creem na reencarnação, sendo assim a carne é abolida do cardápio; também acreditam na igualdade entre os seres vivos, pois todos são parte do mesmo espírito e devem ser tratados com o mesmo respeito. Acreditam no pacifismo e que a reza e a meditação são os caminhos para o encontro com o Criador, *Brahman* (“Deus”). O hinduísmo é uma religião politeísta, com a existência de inúmeros Deuses e templos de adoração, os principais são *Brahma*, *Vishnu* e *Shiva*, porém acima de todos eles ainda encontra-se *Brahman*, Deus criador. Além dos Deuses e Deusas venerados nacionalmente, ainda existem aqueles Deuses que são venerados localmente, em vilarejos e comunidades; acreditam no *Karma*, lei de causa e efeito, a qual rege a vida e o renascimento do espírito e vivem sob o regime de castas³¹ (NETO, 2009).

É notório o quanto a religião hindu contribuiu para a formação da cultura indiana, que é marcada por crenças míticas, diversidade e ao mesmo tempo união, é uma mistura de sincretismo e pluralismo.

³¹ O regime de castas marca diferenças entre indivíduos indianos, seja por Religião, matrimônio, território em comunidade, ocupação ou, ainda, nascimento. O termo “casta”, na Índia, se refere às classes hereditárias ou fechadas, nas quais a sociedade era dividida. As classes originárias da Índia eram quatro, a saber: a dos Brâmanes ou sacerdotes; *Chatrias* ou guerreiros; *Vaisias* ou lavradores e *Sudras* ou trabalhadores.

4. GLOBALIZAÇÃO E ECONOMICISMO VERSUS INDETERMINAÇÃO CULTURAL

4.1. O desdobramento

Tendo como ponto de partida os efeitos da globalização, Said irá comentar que:

As comunicações eletrônicas, o alcance mundial do comércio, da disponibilidade de recursos, das viagens, das informações sobre os padrões climáticos e as mudanças ecológicas unificaram até mesmo os locais mais remotos do mundo (SAID, 1993, p. 38).

A citação acima faz parte do livro *Cultura e Imperialismo* de Edward Said, no qual o autor discute as questões a cerca do domínio cultural das potências mundiais sobre os países menos desenvolvidos e de terceiro mundo. Tal afirmação corrobora com o que já foi discutido nos capítulos anteriores, o mundo passou por uma grande transformação e hoje vivencia-se uma Nova Ordem Mundial, onde o capitalismo e a economia de mercado ditam os fluxos de interações e ações nas mais variadas escalas.

Diante desta nova estruturação surge a questão entre a supressão da outras áreas relativas à sociedade em benefício do desenvolvimento econômico. A adaptação aos padrões globais e a absorção dos valores disseminados através das indústrias culturais, passam a interferir de maneira direta nos costumes locais e na manutenção das identidades culturais na Índia, Amartya Sen afirma que:

Trata-se do poder esmagador da cultura e do estilo de vida ocidentais para solapar modos de vida e costumes sociais tradicionais. Para todos os que se preocupam com o valor da tradição e dos costumes culturais nativos, essa é uma ameaça realmente grave (SEN, 1999, p. 308).

A citação acima demonstra a preocupação com a manutenção da identidade cultural diante de um mundo que se torna cada vez mais planejado. Esta preocupação já pode ser observada nas análises de diversos autores, pois apesar de um fato contemporâneo, já se podem notar indícios marcantes no que tange ao propósito deste estudo. A sociedade global vivencia uma nova forma de

imperialismo moderno onde “o sol nunca se põe no império da Coca-Cola e da MTV” (SEN, 1999, p. 308).

Já foi citado anteriormente o surgimento da cultura-mundo, na qual a afirmação supracitada se encaixa perfeitamente, a economia de mercado e o fenômeno do economicismo, juntamente com o fator capitalismo, criaram um parâmetro no qual as culturas se estabelecem, seja por imposição ou por absorção contínua. As indústrias culturais, e ai destaca-se com vantagem a indústria americana, tem estabelecido os padrões de comportamento e consumo através do *soft power* que se faz presente na indústria do cinema, em *Hollywood*, em multinacionais do ramo alimentício como *McDonalds*, grandes marcas de roupas como *Forever 21*, capazes de atingir a todo tipo de público. Apenas como exemplo do reflexo desses padrões, observa-se a criação de *Bollywood*, a indústria de cinema indiana, que posteriormente se tornou o espelho da sua quase homônima americana.

Amartya Sen ainda comenta acerca desta transformação ocorrida na sociedade, que só foi possível graças ao avanço na tecnologia, no tocante ao indivíduo, quando afirma que:

A habilidade no uso do computador e as vantagens da internet e recursos semelhantes transformaram não apenas as possibilidades econômicas, como também a vida das pessoas influenciadas por essa mudança tecnológica (SEN, 1999, p. 308).

Sen também analisa a questão sob a ótica do sentimento individual, pois segundo ele as extinções dos antigos modos de vida podem causar angústia e um profundo senso de perda; compara a noção atual das identidades culturais e do sistema econômico à teoria da evolução de Darwin, quando afirma que:

A eliminação das velhas espécies em favor de espécies “mais aptas” com condições “melhores” para sobreviver e multiplicar-se pode ser lamentada, e o fato de as novas espécies serem “melhores” no sistema de comparação darwiniano não necessariamente será visto como suficientemente consolador (SEN, 1999, p. 310).

Em linhas gerais, entende-se diante dos argumentos anteriores, que o que está ocorrendo é um colapso das identidades tradicionais, estas estão se fragmentando em várias identidades distintas. A rápida mudança de padrões, a

agilidade com as quais as informações são passadas e a urgência nas coisas faz com que tudo seja mais imediatista, mais momentâneo. Não é diferente com a identidade cultural, o indivíduo moderno está sujeito a um bombardeio de informações e pressões, consequências de um padrão de vida estabelecido pelo modelo econômico capitalista. A respeito desta fragmentação, Hall afirma que:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as 'necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1989, p. 12)

As características acima citadas por Hall são típicas do mundo moderno, da era contemporânea na qual se encontra a sociedade. Pode-se afirmar então que esta é a “primeira forma de existência verdadeiramente global, no sentido em que articula o local e o global, tendo tempo controlado e espaço “minimizado” (MOCELLIM, 2008). O estreitamento de espaço e tempo, fez com que a permeabilidade das informações fosse cada vez maior, a globalização e o capitalismo foram muito além da esfera econômica. Nos dias atuais é difícil encontrar uma área que não tenha sido tocada pelas “mãos invisíveis” da economia de mercado. Pode-se encontrar ainda em Hall mais um argumento a cerca do economicismo e da sua influência no que tange as identidades culturais atuais:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares, e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'flutuar livremente' (HALL, 1998, p.75).

Assim como Hall, Bauman também irá tratar das identidades culturais, este autor fala sobre a modernidade e a forma como esta é encarada diante do aspecto cultural. Para Bauman as pessoas não vêm a cultura local apenas como algo ultrapassado, mas também como empecilho ao desenvolvimento:

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da comunidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras (BAUMAN, 2005, p.60).

Portanto os costumes e tradições antigas podem representar uma barreira ao completo desenvolvimento econômico. Sendo assim, para que determinado país possa participar intensamente da economia global nos mais profundos níveis, suprimem-se quaisquer fatores que possam significar um atraso ao avanço econômico, ao capitalismo ou ao fenômeno economicista.

Para Zaoual (2003), a modernidade liberta e aprisiona; o desenvolvimento é capitalista. É um sistema que combina o mercado, a ciência, a tecnologia e procede, de um lado, por meio de concorrência e de acumulação de riquezas, e, de outro, por intermédio de empobrecimento antropológico e material. Para o autor, a globalização tornou-se uma "máquina incontrolável e excludente", já que é governada por mecanismos econômicos culturalmente anônimos. Para se instituir como ciência e como prática, ela se distanciou da ética e das culturas. A lógica do crescimento econômico é incompatível com a preservação da diversidade cultural. Ainda segundo Zaoual:

[...] diz que a maximização do lucro confunde-se com a do "bem-estar" da sociedade. Não há espaço para reflexão, é preciso agir como máquina, de acordo com as exigências do mercado. O autor afirma que o fatalismo conquistou o Ocidente e o vazio de suas substâncias intelectuais e morais. O Ocidente tem contribuído para a destruição de numerosas populações ao impor modelos de progresso e de organização social inadequados à grande diversidade. Elas são transformadas em populações-alvo, às quais são administradas receitas econômicas prontas (ZAOUAL, 2003 apud PAIVA, RICCI e OLIVEIRA, 2012, p.2).

Ou seja, o modelo de progresso econômico vigente faz com que além da questão econômica, a ocidentalização do mundo traga consequências devido ao desrespeito à diversidade das culturas, civilizações ou religiões.

4.2. As transformações efetivas na cultura indiana

A cultura indiana é uma das culturas mais antigas e ricas da humanidade, tem uma longa história de formação e tradições baseadas em costumes ancestrais. As

tradições são revisitadas na grande quantidade de festivais e celebrações que acontecem na Índia a cada ano. O país tem uma população de mais de um bilhão de habitantes³² e em seu território podem se encontrar mais 400 idiomas e dialetos.³³ Essa cultura, no entanto, agora está sendo impactada pela ocidentalização, tudo está mudando lentamente, e aos poucos, a cultura está absorvendo os costumes ocidentais.

Nas últimas duas décadas, a Índia vem passando por grandes mudanças decorrentes da abertura do seu mercado ao capital estrangeiro, passou de um país com pouca interação comercial internacional a uma das grandes economias mundiais. Essa abertura criou novas oportunidades e fez com que a Índia se especializasse e desenvolvesse massivamente o setor de ciências da computação. Impulsionados pela abertura econômica, logo viram a possibilidade de exportar *softwares*³⁴ e serviços empresariais o que consequentemente gerou a entrada de investimentos estrangeiros. Tendo como principal parceiro comercial os Estados Unidos, a Índia é hoje o maior exportador de softwares do mundo e um dos raros países onde os serviços são o item mais importante da balança comercial. O crescimento do setor de serviços, orientado à exportação, tem alavancado o crescimento da economia como um todo. Também têm atraído novas tecnologias, novas práticas, novos investimentos; outros setores, agora ligados ao mercado interno, também começam a decolar (PADOVANI, 2011).

A mesma abertura de mercado que proporcionou tantas mudanças econômicas na Índia, também é responsável pela permeabilidade cada vez maior do agregado de fatores que caminham juntos à economia. Diz-se por fatores agregados, o capitalismo, a cultura de mercado, as influências culturais ocidentais, a supressão dos fatores sociais em favor do economicismo, etc. Conforme já falado anteriormente, todos estes fatores são capazes de modificar a identidade cultural, pois é inevitável que a Índia tenha que sujeitar seus costumes a uma adaptação ao mercado global.

³² Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/geografia/populacao-India.htm>>

³³ Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_l%C3%ADnguas_nacionais_da_%C3%8Dndia>

³⁴ É o nome dado ao comportamento exibido por essa seqüência de instruções quando executada em um computador ou máquina semelhante além de um produto desenvolvido pela engenharia de software, e inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais e especificações.

Apesar de ser um fato recente em termos históricos, a influência no economicismo e de um dos seus vetores, a ocidentalização, na Índia já pode ser sentida e de maneira efetiva em alguns aspectos culturais. A cultura familiar já está sendo afetada, desde os primórdios tem-se uma cultura indiana extremamente ligada à família, aos laços sanguíneos; as famílias costumavam morar na mesma casa, os filhos que casavam permaneciam em casa e agregavam a ela a sua própria família. Agora as famílias estão cada vez mais isoladas, os jovens já não valorizam mais as tradições como antigamente e os costumes do mundo ocidental se tornaram muito mais atraentes do que os costumes milenares praticados em casa. A geração da abertura econômica tem passado cada vez menos aos seus filhos a rica herança cultural indiana, cada vez menos jovens indianos têm conhecimento a cerca da sua própria cultura, do que os faz identificarem-se como indianos (KHIRBHAWANI, 2005)³⁵. O que ocorre também é que o Ocidente se tornou muito atrativo para os jovens indianos, que cada vez mais saem da Índia para completar seus estudos em outros países e por lá permanecem, como força de trabalho. A chamada “fuga de cérebros” na Índia é justamente a ida dos jovens indianos e de pessoas no auge da carreira produtiva que acabam sendo atraídas pelo estilo de vida e pelas melhores condições salariais.

Outra mudança cultural tem sido notada na questão das festas populares indianas, tradicionais e milenares. Hoje cada vez menos indianos vem celebrando festivais indianos, em contrapartida festas populares no ocidente estão ganhando mais adeptos, tais como o Natal e o *Valentine's Day*. A partir daí passa a ocorrer uma desvinculação da cultura original em detrimento de uma cultura mais popular, que aos olhos do oriente é considerada como novidade. Estas celebrações são adotadas não pelo seu significado, no caso do *Valentine's Day* é muito mais uma forma de criar oportunidade para os jovens terem algum tipo de relação amorosa. Já no caso do Natal e do Ano Novo, o propósito é o consumismo, comidas e bebidas. Está ocorrendo uma troca de algo que tem profunda simbologia e ancestralidade por costumes que não produzem efetivamente significado, pelo menos não até o momento (RAMACHANDRA, 2011).

³⁵ Disponível em: <http://creative.sulekha.com/impact-of-westernization-on-indian-culture_27724_blog>

O modo de se vestir do indiano também se transformou, os *Saari*³⁶, os turbantes e os *Dhoti*³⁷, deram lugar a calças, blusas e camisetas. Tem sido cada vez mais difícil encontrar pessoas com as vestimentas tradicionais indianas (MIAN, 2013)³⁸. Para alguns, as novas roupas podem representar conforto e moda, porém a perda cultural é grande, pois tradições milenares estão aos poucos caindo no esquecimento. O respeito às regras e tradições também têm se modificado, os jovens já não respeitam mais certos costumes como o de se vestir de determinada maneira para adentrar um templo religioso.

Tradicionalmente vegetarianos, os indianos vem sofrendo mudanças também na sua cultura alimentar. A indústria alimentícia do ocidente estabeleceu-se na Índia e hoje é possível encontrar nas grandes capitais, muitas franquias de multinacionais como *McDonald's*. Pelo fato de conter carne, desde que a comida ocidental começou a se tornar popular na Índia, muitos cidadãos passaram a ir de encontro à religião, que não permite o consumo de carne ou porco. O índice de obesidade aumentou e isto se deve ao fato da comida ocidental conter muito mais gordura do que a oriental, neste caso específico a dos indianos.³⁹

Outra grande mudança é relativa à indústria do cinema, de extrema importância, pois é capaz de atingir um grande número de pessoas. *Bollywood*, como é chamado o pólo de cinema indiano, numa clara alusão a *Hollywood*, desde a abertura econômica e o maior contato com o ocidente, tenta seguir os passos dos filmes americanos não apenas no nome, mas em todo o resto. Antes o foco principal de *Bollywood* era retratar a Índia, seus costumes, tradições e a vida da população; haviam vestimentas tradicionais e procurava-se sempre inserir algum tipo de ensinamento moral nos filmes. Hoje as histórias dos filmes são copiadas das histórias do ocidente, há vulgaridade nas películas atuais e o propósito financeiro se tornou principal. O cinema tem um grande alcance na sociedade, sua influência não deixa de ser menor; os filmes têm influenciado a população e facilitado à absorção das práticas sociais ocidentais, principalmente pelos jovens (MIAN, 2013). Além do

³⁶ Traje nacional das mulheres indianas, constituído de uma longa peça de pano que envolve e cobre todo o corpo. São utilizados cerca de 6 metros de tecido.

³⁷ Tipo de vestimenta usado por vários homens na Índia, Paquistão, Bangladesh e Nepal. É um pedaço retangular de pano sem costura, geralmente em torno de 4,5 metros de comprimento, acondicionada em torno da cintura e as pernas e amarrado na cintura, semelhante a uma longa saia.

³⁸ Disponível em: <<http://www.indiastudychannel.com/resources/90312-Westernization-and-change-of-culture-in-India.aspx>>

³⁹ Disponível em: <<http://advantagesanddisadvantagesofwesternizat.weebly.com/how-does-westernization-have-an-impact-on-the-indian-culture.html>>

cinema, é importante destacar o papel da televisão nas transformações da cultura indiana. Sempre existiram emissoras estatais na Índia, porém além de não possuírem programas atrativos, o preço dos aparelhos televisivos era muito alto. Nos anos posteriores à abertura econômica os preços dos aparelhos de TV diminuíram gradativamente, as populações mais pobres puderam ter acesso à televisão e tiveram seu primeiro contato com a TV a cabo. Os indianos passaram a ter contato com a cultura exterior, a transmissão de novelas esportes e noticiários. Foi a televisão que primeiro proporcionou aos aldeões de longínquos povoados indianos o contato com a cultura do mundo, a cultura ocidental (LEVITT & DUBNER, 2009). Não se faz aqui uma crítica ao conhecimento, à ampliação da visão dos indianos, o que pontua-se é o momento em que, o que se vê na TV passa a ser adotado como prática e costume; quando a cultura exterior transmitida passa a intervir nas identidades locais.

Muitas mudanças ocorreram e outras tantas ainda estão em curso na Índia: o respeito dos jovens para com os mais velhos, a diminuição da importância da família, as novas formas de casamento são alguns exemplos. Mudaram as roupas, festas, alimentos, nomes, línguas, muitos indianos chegam até a buscar cirurgias plásticas para parecer mais ocidental. As pessoas estão mudando a si mesmo e estão tentando se adaptar como os povos ocidentais.

As transformações ocorridas nas tradições culturais indianas são consequência direta da absorção dos valores ocidentais, que se deu através da globalização, do capitalismo e do economicismo. Esta absorção de costumes ocorre, na maioria das vezes, de maneira inconsciente, pois os valores ocidentais são facilmente disseminados através de meios de comunicação e redes sociais, e em muitos momentos até pelo próprio governo, quando este decide suprimir outros fatores relativos à sociedade em favor do desenvolvimento econômico.

Apesar da preocupação de muitos estudiosos e da afirmação de que o sistema atual é nocivo às identidades culturais não há ainda estudos contundentes sobre o impacto efetivo na civilização indiana. Por serem fenômenos recentes no que concerne à cronologia histórica, os efeitos da globalização e dos seus frutos diretos, o economicismo e o hipercapitalismo, ainda não podem ser certamente determinados. O fato é que, a desintegração das identidades culturais, pode gerar em longo prazo um sentimento de deslocamento, onde a noção de pertencimento a

uma identidade cultural já não existe mais, pois os vínculos com as tradições milenares e os costumes vêm sendo cada vez mais dilacerados pela mundialização.

Partindo do pressuposto de que a o desenvolvimento econômico está levando a uma perda da identidade cultural, Amartya Sen irá trabalhar o assunto apontando a postura defensiva do estado no que tange a sua direta contribuição a esta degradação. O autor comenta que:

[...] argumentou-se que o desenvolvimento econômico do modo como o conhecemos pode, na realidade, ser danoso a um país, já que pode conduzir à eliminação de suas tradições e herança cultural. Objeções desse tipo são com frequência sumariamente descartadas com o argumento de que é melhor ser rico e feliz do que pobre e tradicional (SEN, 1999, p 49).

A economia é o fator mais importante da atualidade, assim como o desenvolvimento econômico e os números, enquanto que os valores e tradições vêm sendo deixados de lado. Não há consulta à população no sentido de “o quê” pode ser abdicado em favor do crescimento da economia de mercado (SEN, 1999).

4.3. Globalização e economicismo: fatos irreversíveis

Se há uma palavra que pode descrever de forma rápida a globalização e o economicismo, esta é “irreversível”. Desde a queda do Muro de Berlim e a vitória do capitalismo, a globalização ganhou um impulso gigantesco, alavancada pelo desenvolvimento tecnológico e agilidade nas comunicações, o que pode-se dizer é que esta veio para ficar. Aqui vale salientar o pensamento de Fritjof Capra, em sua obra *O ponto de mutação*, ele afirma que “a luta universal pelo crescimento e pela expansão tornou-se mais forte do que todas as outras ideologias; para usar uma idéia de Marx, tornou-se o ópio do povo” (CAPRA, 1983, p. 193). O crescimento econômico se tornou o objetivo principal, a meta a ser atingida, porém para tal é necessário abdicar de outros valores sociais.

O economicismo é a decorrência direta do reducionismo econômico, e só se tornou possível graças à mundialização do capital. Este fenômeno é o hoje um dos grandes direcionadores dos posicionamentos estatais diante da sociedade global. Dentro das Nações se pensa e se vive economia, se abdica de muitos outros fatores em favor do crescimento econômico. Portanto a globalização e o economicismo

podem ser considerados como acontecimentos mundiais irreversíveis. Não se pode reverter os avanços tecnológicos, não se pode reverter o aprofundamento das relações globais, não se pode voltar atrás na agilidade como são trocadas às informações. É praticamente impensável se desmembrar a interdependência e fazer com que os países vivam de maneira praticamente autônoma novamente. Sem contar com difícil tarefa que seria desfazer a teia das relações econômicas e distanciar as relações comerciais globais novamente. Não há praticamente como, é como tentar desfazer o que não pode ser desfeito, com exceção de alguns países que vivem de maneira isolada como Coreia do Norte e Cuba, a grande maioria das nações está mergulhada na mundialização e na interdependência, sendo o caminho de volta quase inexistente.

Eliminaram-se as barreiras protecionistas comerciais e o mercado planetarizou-se (LIPOVETSKY & SERROY, 2008), hoje se tem as culturas do “hiper”, o hipercapitalismo, o hiperconsumo, o receio é de que o último “hiper” seja o da hipercultura. Para Lipoversky e Serroy o que existe é uma cultura-mundo, de caráter “heterogeneizador” e amplitude global, onde culturas, costumes e tradições locais são suprimidos pela cultura ocidental dominante.

Fica claro que não há retrocesso para a globalização e muito menos para o endeusamento do fator econômico, fica claro também que a identidade cultural na Índia vem sofrendo contínua degradação devido ao economicismo e a ocidentalização, as grandes questões são que: primeiramente, não se sabe ao certo quais serão as consequências a longo prazo deste desequilíbrio entre desenvolvimento e identidade cultural. A outra questão é a de que a humanidade pode estar diante de um futuro sem particularidades culturais.

5. CONCLUSÃO

Desde os últimos anos da década dos anos 1980 o mundo passou por grandes e importantes transformações, a queda do Muro de Berlim foi um importante marco mundial, pois se findava a Guerra Fria e o capitalismo saía como modelo econômico vitorioso. Porém nada do que a sociedade moderna vive hoje seria possível se não fosse pelo poder avassalador e transformador da globalização, capaz de aproximar os mais distantes povos e as mais diversas culturas. A expansão do pensamento neoliberalista e do capitalismo abriu, definitivamente as portas para que economia se tornasse global, para que se formasse um sistema econômico mundial. O capitalismo também demonstrou sua força tanto como modelo econômico, como também ideológico; os Estados-Nações que vivem no capitalismo estão automaticamente sujeitos ao liberalismo, às grandes corporações internacionais, às variações e desejos da economia de mercado. A partir do momento em que o mercado global passa a ditar as linhas de ação do governo, podemos destacar aí uma redução da autonomia estatal que se inicia através da economia, mas que transborda para outras áreas da sociedade, através da inserção dos valores das potências mundiais.

Do momento em que a economia de mercado passa ser o ponto principal na agenda dos Estados, destaca-se a formação de um fenômeno contemporâneo chamado economicismo. Este se traduz na adoção da economia como fator primordial a uma sociedade, adota-se o desenvolvimento econômico como principal meta e suprime-se quaisquer outros valores em função deste objetivo, principalmente àqueles que possam oferecer barreiras ao capitalismo desenfreado. Atrelada à grande inserção do economicismo, podemos observar a permeabilidade dos valores culturais pertencentes às potências ocidentais dentro dos outros países. Um dos maiores exemplos no que tange a disseminação de valores culturais é *soft power* exercido pelos EUA através do *American way of life*, o estilo de vida americano; roupas, filmes, música, gastronomia e costumes, todos estes fatores foram amplamente difundidos mundialmente através dos meios de comunicação. O grande problema desta permeabilidade e pressões culturais externas é a supressão das identidades locais, que veem sofrendo deterioração ao longo do tempo. No caso

específico deste estudo, buscamos analisar estes aspectos dentro da Índia, um dos expoentes na economia atual e ao mesmo tempo um país de cultura e tradições milenares; além do fato de ser um país oriental, o que difere ainda mais do tipo de cultura ao qual estamos habituados.

A cultura indiana é uma das mais antigas do mundo e suas escrituras sagradas os Vedas, foram os primeiros a serem traduzidos em forma de escritos na humanidade, pelo menos até onde se tem conhecimento. As tradições culturais estão intimamente ligadas ao povo indiano e influencia, até hoje, praticamente a totalidade dos setores da sociedade, até mesmo o governo. A religião hindu direciona os comportamentos dos indianos que a seguem, o que representa a maior parte da população, os Deuses são muito venerados e os rituais são passados de geração em geração.

A Índia passou pelo período da colonização britânica, que apesar de ter deixado profundas feridas, como toda colonização, também trouxe alguns aspectos positivos à sociedade indiana, como a união do povo indiano em função da busca pela independência. Foi nesta época que surgiu um dos maiores expoentes da cultura e da sociedade indiana, Mahatma Gandhi, grande defensor dos direitos indianos e da luta pacífica pela independência.

A partir de 1990 a Índia passou por grandes transformações decorrentes da sua abertura econômica, especializou-se no setor de serviços e hoje é uma das grandes economias mundiais. Os laços com os EUA foram estreitados, principalmente no que tange ao desenvolvimento e exportação de *softwares* e muitos indianos passaram a viajar aos EUA, muitos deles para estudar e até morar. Porém a mesma abertura econômica que proporcionou crescimento financeiro é a mesma que exige uma adaptação aos padrões globais, que trouxe os valores culturais ocidentais, os quais têm provocando mudanças e influenciado nas antigas tradições indianas.

A mesma globalização que aproxima os países e sociedades, impulsiona o capitalismo, que transformou os meios de comunicação e deu origem ao economicismo e à possibilidade de crescimento econômico para países de terceiro mundo, também é aquela que pode vir a desintegrar as identidades culturais destas mesmas sociedades. Ai tem-se o dilema: desenvolvimento versus identidade cultural.

Na Índia, conforme já mostrado, as transformações já podem ser notadas, autores indianos já indicam as mudanças que estão ocorrendo aos costumes e tradições culturais. Os antigos valores já não têm tanta importância para as novas gerações, que conseqüentemente e muito provavelmente não passarão adiante os costumes herdados.

Sabemos que a globalização e o economicismo são irreversíveis, são processos que deram base para o surgimento de uma interdependência global nunca antes experimentada. Desfazer as profundas raízes da economia global é praticamente impossível, e quase inimaginável para a grande parte das pessoas. Porém como ficarão as identidades culturais? No caso da Índia, que tem uma cultura tão diferente da ocidental, como será daqui a alguns anos?

Lipoversky e Serroy (2008) afirmam que estamos nos encaminhando para uma cultura-mundo, uma homogeneidade cultural global, que irá aos poucos descaracterizar as identidades locais. A perda da identidade cultural não deve ser encarada como algo simples, pois são as identidades, os costumes e as tradições nos fornecem um sentimento de pertencimento à uma sociedade, as pessoas não podem viver desvinculadas, pois o ser humano necessita “pertencer”.

A solução para este grave problema é envolver a sociedade, não apenas deixar as decisões do que é ou não importante para a elite e o governo. Para Amartya Sen:

É claro que não existe uma fórmula pronta para essa análise de custo-benefício, mas o crucial para uma avaliação racional dessas escolhas é o potencial das pessoas para participar de discussões públicas sobre o assunto (SEN, 1999. p. 311).

A sociedade precisa intervir e trabalhar os limites entre desenvolvimento e adoção de novas culturas, para que os valores locais, que são o que nos identifica e diferencia, não sejam perdidos. A manutenção das identidades culturais é vital para que possamos continuar a nos identificar e nos distinguir diante de outras culturas, não se pode parar o crescimento econômico nem a cultura capitalista, mas podemos buscar um equilíbrio, assim transitaremos entre identidade cultural e desenvolvimento econômico de maneira equilibrada. É difícil, porém a sociedade entender que estes dois fatores não necessariamente precisam ser excludentes e que podem coexistir, para tanto esta mesma sociedade precisa se posicionar e demonstrar para as elites e os governos que existe um limite ao qual deve ser

resguardado o crescimento econômico, bem como quais os aspectos aos quais sociedade estaria disposta a abrir mão. Nas palavras de Capra (1983), “a reavaliação da economia não é uma tarefa meramente intelectual, mas deverá envolver profundas mudanças em nosso sistema de valores” (CAPRA, 1983, p. 210). Precisamos identificar quais valores nos são de suma importância, afinal conforme mencionado no início deste trabalho, a cultura e as identidades culturais são parte do ser humano, e este precisa se sentir pertencente seja de uma comunidade ou de uma Nação.

Diante do exposto, cabe aqui finalizar este trabalho com alguns questionamentos. A Individualidade é o que nos torna diferentes, então, de que adianta sermos todos ricos, porém iguais? O que nos diferenciará de todo o resto? Seremos uma sociedade global homogênea onde os costumes e tradições que nos tornam singulares serão deixados para trás?

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Maria. **Globalização: características mais importantes**. 2007. Disponível em: < http://www.fsma.edu.br/visoes/ed03/3ed_artigo1.pdf >. Acesso em: 5 Março 2015.

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. 1983. Disponível em: <<https://www2.bc.edu/marian-simion/th406/readings/0420anderson.pdf>>. Acesso em: 25 de Março de 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Indetidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. 2005. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/bauman-zygmunt-identidade.pdf> >. Acesso em: 8 de maio de 2015.

BERNDT, Priscila.; NUNES, Tiago. **A Índia e a nova ordem mundial: do desenvolvimento interno à influência externa**. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo5.pdf>>. Acesso em: 23 de abril de 2015.

CAPRA, Fritjof. **Ponto de Mutação – a ciência , a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo. Cultrix, 1983.

CASTELLS, Manuel. **O poder da indetidade**. São Paulo. Paz e Terra, 1999. Disponível em: <<https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/castellsm-o-poder-da-identidade-cap-1.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2008.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Poder e Interdependencia La política mundial en transición**. 1988. Disponível em: <<http://biblio3.url.edu.gt/Publi/Libros/Poder-e-Interdependencia/01.pdf>>. Acesso em: 7 de maio de 2015.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Transnational Relations and World Politics**. 1981. Disponível em: <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/sdrelint/ficheros_materiales/materiales016.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

LARAIRO, Roque. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1986. Disponível em: <<http://copyfight.me/Acervo/livros/Roque%20de%20Barros%20Laraia%20>

%20Cultura%20um%20conceito%20antropolA%CC%83%C2%B3gico%20%5Bpdf%5D.pdf> . Acesso em: 17 de abril de 2015.

LEVITT, Stephen.; DUBNER, Steven. **Super Freakonomics: O lado oculto do dia a dia**. São Paulo. Campus, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

MAIA, João. **Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

MENDONÇA, Daniel. **As bases culturais da modernidade indiana**. 2009. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Daniel.India_.pdf>. Acesso em: 17 de maio 2015.

MOCELLIM, Alan. **A questão da identidade em Giddens e Bauman**. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2008v5n1p1>> . Acesso em: 28 de maio de 2015.

NETO, Antonio. **O Hinduísmo, O Direito Hindu, O Direito Indiano**. [S.l.]: [s.n.], 2009. Disponível em: <[file:///C:/Users/Jaime/Downloads/67850-89281-1-PB%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/Jaime/Downloads/67850-89281-1-PB%20(6).pdf)> . Acesso em: 2 de abril de 2015.

NYE, Joseph. **O paradoxo do poder americano**. 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v13_14_livros3.pdf> .

PADOVANI, Fernando. **Transformações econômicas na Índia contemporânea**. 2011. Disponível em: <<http://bricspolicycenter.org/homolog/Event/Evento/45>> . Acesso em: 30 março de 2015.

RAMACHANDRA, K. B. S. **Effects of Westernization on Indian Culture and Traditions**. 2011. Disponível em: <<http://prekshaa.blogspot.com.br/2011/03/effects-of-westernization-on-indian.html>> . Acesso em: 20 de maio de 2015.

RANQUETAT, Cesar. **O economicismo e o marxismo difuso**. 2014. Disponível em: <<http://revistavilanova.com/o-economicismo-e-o-marxismo-difuso/>> . Acesso em: 25 mar. 2015.

RAPOPORT, Mario. **Os Estados nacionais frente à globalização**. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003473291997000200008&script=sci_arttext> . Acesso em: 27 de abril de 2015.

- RIBEIRO, Paulo. **Processo de globalização e suas ambiguidades**. 2010. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/sociologia/processo-globalizacao-suas-ambiguidades.htm> >. Acesso em: 7 de abril de 2015.
- ROIO, Marcos. **O Estado da globalização**. 2008. Disponível em: <seer.fclar.unesp.br/estudos/article/download/756/622 >. Acesso em: 24 de maio de 2015.
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo. Companhia de Bolso, 1993.
- SANTORO, André; SARTORELLI, André. **Os Vedas: um livro aberto**. 2008. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/historia/os-vedas-um-livro-aberto> >. Acesso em: 1 de abril de 2015.
- SATPATHY, Binod. **Indian culture and heritage**. 2014. Disponível em: <http://ddceutkal.org/Syllabus/MA_history/paper-8.pdf >. Acesso em: 13 de maio de 2015.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo. Companhia de Bolso, 1999.
- SILVA, Vanderlei; SILVA, Maciel. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/conceito_CULTURA.pdf> Acesso em: 10 de março de 2015.
- SOUSA, Rainer. **Identidade cultural**. 2010. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/sociologia/identidade-cultural.htm> >. Acesso em: 15 abril 2015.
- SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte. UFMG, 2010.
- TORRES, Glaucia; MUNIZ, Tânia. **O enfraquecimento do estado nacional diante do fenômeno da globalização**. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=3347efd591f95b5>>
- VIEIRA, P. A. **As especificidades da mercadoria força de trabalho: Marx revisitado**. 2012. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/18632/pdf> >. Acesso em: 26 de maio de 2015.
- VILELA, Túlio. **Índia: Domínio inglês na Índia mostra dois aspectos do colonialismo**, 2007. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/india-dominio-ingles-na-india-mostra-dois-aspectos-do-colonialismo.htm> >. Acesso em: 21 de março de 2015.